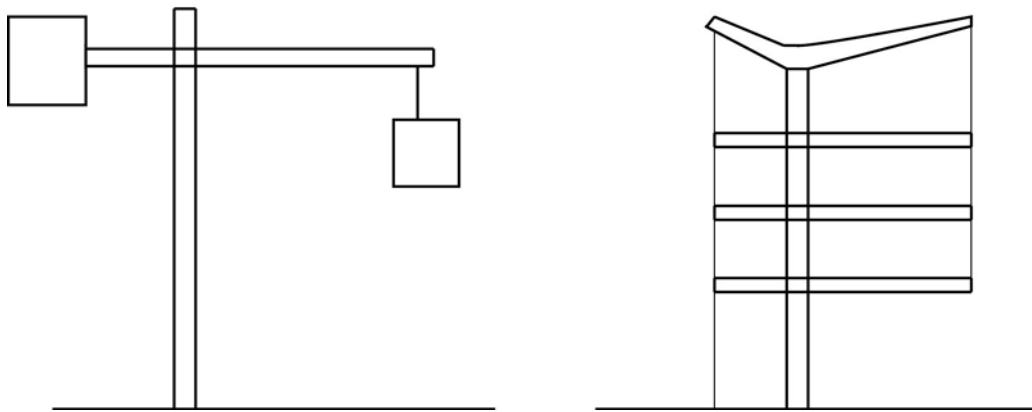


MEMORIAL

O projeto surge com um compromisso: tensionar ao máximo o potencial plástico e estrutural do aço, extraíndo dele uma arquitetura inovadora. E também com um desejo: alcançar uma leveza tal que não seja suficiente o edifício flutuar, ele precisa alçar vôo.

Então começamos a aguçar nosso olhar, pesquisar ícones da arquitetura, estudar estruturas metálicas quando, oportunamente desatentos, notamos o guindaste. Esse engenhoso instrumento que ao invés de procurar a simetria na distribuição de forças, permite-se encontrar o equilíbrio a partir de um desenho assimétrico, fundado no princípio do peso e contrapeso, volume e massa, em alternância de expressão.

Disso resultou nosso edifício, que é um pórtico modular plano, no qual uma viga desenvolvida especialmente para este projeto (designada *gaivota*) apóia-se apenas sobre um pilar, transferindo as cargas para solo através de um sistema de tirantes, permitindo que 70% de seu comprimento encontre-se em balanço.



inspiração conceito estrutural

Todo o edifício é ritmado a partir desse módulo plano, inclusive a unidade, que pode ser esquematizada como a articulação de três blocos, quer sejam: o servido (quartos e sala); o servidor (banheiro, cozinha, lavanderia) e o de expansão, vazio, que espelhado forma a unidade de vizinhança, espécie de quintal de acesso que faz a gentil transição entre o corredor e a unidade. Também funcional transição, pois esse módulo é possibilidade de crescimento da unidade, pensado a partir do conceito de economia familiar.

Em termos estruturais, era requisito de projeto que a casa fosse rapidamente montada, para acompanhar a agilidade de construção do edifício; por isso optamos pela tecnologia *Light Steel Framing*, que se

compatibiliza com o resto da estrutura, simbolizando uma fusão pouco comum entre estes dois sistemas construtivos: o primeiro na escala do homem, o outro, da máquina.

Por fim, pudemos explorar todo potencial que a solução pórtico-em-balanço permitia, liberando a maior parte do solo para que a vegetação nativa pudesse permanecer intocada, estabilizando-o e possibilitando um novo tipo de implantação absolutamente mínima. A rigor, o edifício toca o solo em duas linhas paralelas, sendo acessado por duas rampas a partir do topo do terreno; a primeira que desce levando ao pavimento acessível; e a que sobe, à cobertura comum/mirante, descortinando uma paisagem pontuada por significativos ícones do bairro de Itaquera.

Desta forma, o edifício reativa uma margem urbana no subúrbio. O que antes era uma pirambeira vira um edifício-mirante, um artefato em busca do equilíbrio entre a delicadeza e a presença. Ao fim, nossa hipótese habitacional em verdade é genérica e específica ao mesmo tempo, identidade e universalidade. A margem da margem, o salto ao futuro.